

***PROBLEMÁTICAS TRADUTÓRIAS E ADEQUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA:
A TRADUÇÃO ITALIANA DE ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ DE
LUIZ RUFFATO***

Gian Luigi DE ROSA

RESUMO

Quando se fala de tradução de textos literários, normalmente estamos acostumados a considerar este tipo de tradução em termos de transposição de uma (variedade de) língua standard para uma outra (variedade de) língua standard. Nesta comunicação, pretende-se analisar a tradução italiana de *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) desde a perspectiva sociolinguística, para dar conta da variação linguística do PB e da tradução do significado social associado aos elementos (formas, palavras, construções, etc.) que a variedade literária usada por Luiz Ruffato veicula.

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Ruffato; tradução; variação linguística; sociolinguística da tradução.

1. Introdução

Quando se pensa na tradução normalmente se considera o processo tradutório em termos de transposição de uma (variedade de) língua *standard* para outra (variedade de) língua *standard* e a maioria dos problemas, que os *Translation Studies* consideram, pressupõe essa situação de *default*.

Querendo analisar a tradução desde a perspectiva sociolinguística, o problema central é o dos textos marcados sociolinguisticamente pela presença de mais variedades de língua(s), que, por definição, são portadoras de significados sociais e, portanto, da tradução do significado social associado aos elementos (formas, palavras, etc.) de uma (variedade de) língua que o veiculam.

A nossa análise tentará focalizar essas problemáticas tradutórias em *Sono stato a Lisbona e ho pensato a te*¹⁰, tradução italiana de *De Estive em Lisboa e lembrei de*

10 Luiz Ruffato, *Sono stato a Lisbona e ho pensato a te*, Roma, La Nuova Frontiera, 2011.

*voce*¹¹ de Luiz Ruffato, evidenciando as diferentes estratégias tradutórias, relativas à marcação sociolinguística, atuadas nas duas versões

2. O relato testemunhal em *Estive em Lisboa e lembrei de você*

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você* conta-se a história de Sérgio de Souza Sampaio que, em um momento em que sua vida parece se estancar e não consegue achar uma saída (depois de ter sido obrigado a se casar, descobre que a mulher, Noemi, tem problemas mentais; perde a custódia do filho e, para completar o quadro, fica desempregado), descobre, durante a noite em um bar, que talvez exista uma solução para os seus problemas. Entrevê e escolhe a solução, ou melhor, está obrigado a escolhê-la devido às circunstâncias e ao desencadeamento dos fatos; assim, encontra-se dando o passo mais importante da sua vida: deixar Cataguazes, a sua cidadezinha natal no interior de Minas Gerais, para tentar a sorte em Portugal. No entanto, também a escolha do lugar e a própria viagem são fruto de coincidências e arranjos; são os amigos, no bar, que reelaboram a sua vontade de ir para o exterior, contida em uma resposta impulsiva que se torna o ponto de não-retorno.

O romance se abre com um depoimento, um texto-documento fundamental para a compreensão do romance, cuja estrutura recalca propositalmente a exposição de uma experiência contada em primeira pessoa a um cronista que registra fielmente o narrado e o traduz em escrita ficcional. Basicamente, Luiz Ruffato escreve um romance, apresentando-o como uma história real. O narrado apoia-se em um depoimento de vida vivida, na reprodução do relato de quem deveria ser o protagonista daqueles eventos, registrando lugares, datas dos encontros e dados do cartório do personagem (Sérgio de Souza Sampaio, nascido em Cataguazes, Minas Gerais, Brasil, no dia 7 de agosto de 1969).

Trata-se, claramente, de uma estratégia discursiva (mesmo se dona Rosa, a proprietária do Solar dos Galegos, em Lisboa, jura ter visto Luiz Ruffato conversando com Serginho) com a qual e por meio da qual legitima, por um lado, um instrumento estilístico utilizado para poder expressar os conteúdos um tanto incômodos dos quais Ruffato nos fala, e comprovar, por outro lado, a proximidade da narrativa com o vivido, estabelecendo com o leitor um verdadeiro e próprio pacto de verossimilhança,

11 Luiz Ruffato, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

realizando uma estratégia de criação mimética, que encontra nas vicissitudes de Serginho sua glândula vital.

A viagem de Serginho, no relato de Ruffato, se torna a história da sua clandestinidade, do seu modo de exílio que se encarna nas palavras e que, a partir delas, evolui através do relato do estranhamento do clandestino, do emigrante, do estrangeiro, daquele que é considerado extracomunitário, do outro, que se transforma na testemunha/narrador do lento – porém gradual – processo de involução que toca de perto a sociedade portuguesa e, como reflexo, a europeia.

A mesma ideia do exílio toma forma na lembrança, em uma memória reversível, que se materializa a partir de um título no qual se inscreve a esperança de um sucessivo reencontro com um destinatário fantasmagórico que, ao nosso ver, poderia ser o mesmo personagem e a sua vida anterior à viagem. Uma mensagem escrita em um cartão postal, numa lembrancinha turística, que podemos considerar como um tipo de autorização para poder partir, de adeus até quem sabe quando, uma efusão de saudades que desde Lisboa se espalha sobre o Atlântico até chegar ao Brasil. Por honra da verdade, o título *Estive em Lisboa e lembrei de você*, frase típica que podemos encontrar num cartão postal e numa lembrancinha turística, evidencia de forma mais marcante a possibilidade de uma dupla leitura, mesmo que seja sempre o sentimento de saudade o eixo central da comunicação. Uma saudade que nasce de diversos fatores, mas, principalmente, pelo estranhamento causado ao perceber que Lisboa não tem os requisitos do lugar imaginado onde poder achar dignidade como homem e como pai, adquirindo por meio do trabalho o direito à paternidade.

A tudo isto vai somar-se um obstáculo que Sérgio não tinha levado em conta de jeito nenhum: o idioma. De fato, quando ele chega a Lisboa, aquilo que ele pensava ser um apoio fundamental, além de servir para agilizar a sua permanência em Portugal, o português, como língua comum, revela-se, no entanto, uma barreira quase intransponível para tudo o que se refere às relações entre ex-colonizado e ex-colonizador.

A ideia de falar a mesma língua é uma miragem que se dissipa palavra após palavra. Pelas interações, pelos diálogos se compreende que os mal-entendidos entre os interlocutores da suposta e ilusória comunidade linguística dos “lusófonos”: portugueses, brasileiros, angolanos, são-tomenses, cabo-verdianos, etc., não são apenas devidos exclusivamente a diferenças lexicais. De fato, os maiores problemas para a interação comunicativa entre os falantes das diversas variedades geográficas do

português derivam mais dos usos discursivo-argumentativos (plano semântico e pragmático-linguístico) do que das diferenças estruturais dos enunciados, as quais revelam as características policêntricas do português, que como o inglês, tem mais variantes oficiais (por enquanto o português europeu, PE, e o brasileiro, PB, mas estão em formação também as variedades africanas de Moçambique e de Angola).

Ruffato coloca, claramente, em evidência a distância que existe entre as duas variedades geográficas reconhecidas oficialmente do português (PE e PB), dando ênfase, na sua escrita, aos diferentes usos das variantes lexicais que no romance se expressam conforme o ambiente onde se encontram os interlocutores e segundo o contexto narrativo.

3. A escrita de Ruffato e o repertório linguístico dos brasileiros

No processo de reconstrução da fala espontânea na representação ficcional, muitos escritores brasileiros contemporâneos, entre eles Luiz Ruffato, registram e reproduzem nitidamente a situação diglössica em que se encontra o país, com uma distância sempre maior entre a norma-padrão e as variedades cultas urbanas:

No caso do Brasil, temos uma situação de diglossia bastante peculiar. Embora não tenhamos duas “línguas” diferentes, como no caso do Paraguai, existe uma distribuição bastante desigual dos usos atribuídos às variedades mais padronizadas e dos atribuídos às variedades menos padronizadas ou francamente não-padrão. As pessoas que têm acesso à norma-padrão – inegavelmente conservadora e inspirada na língua de Portugal – têm como língua materna uma variedade lingüística que apresenta sempre e inevitavelmente pontos de atrito com essa norma-padrão (Bagno 2005: 163).

Esses pontos de atrito são claramente visíveis também em modalidades escritas não monitoradas da língua, evidenciando uma situação de *continuum* fala/escrita, no eixo diamésico, assim como sublinha Berruto, quando afirma que também “lo scritto tipico tende ad accogliere come normali tratti sinora peculiari del parlato” (Berruto 1987: 55). De uma certa forma, é de diglossia que fala também Tarallo, quando diz que o fato de a gramática normativa brasileira ter sido ditada pela tradição portuguesa tornou “o vácuo entre língua oral e escrita muito mais profundo no Brasil do que em Portugal” (Tarallo 1993: 70).

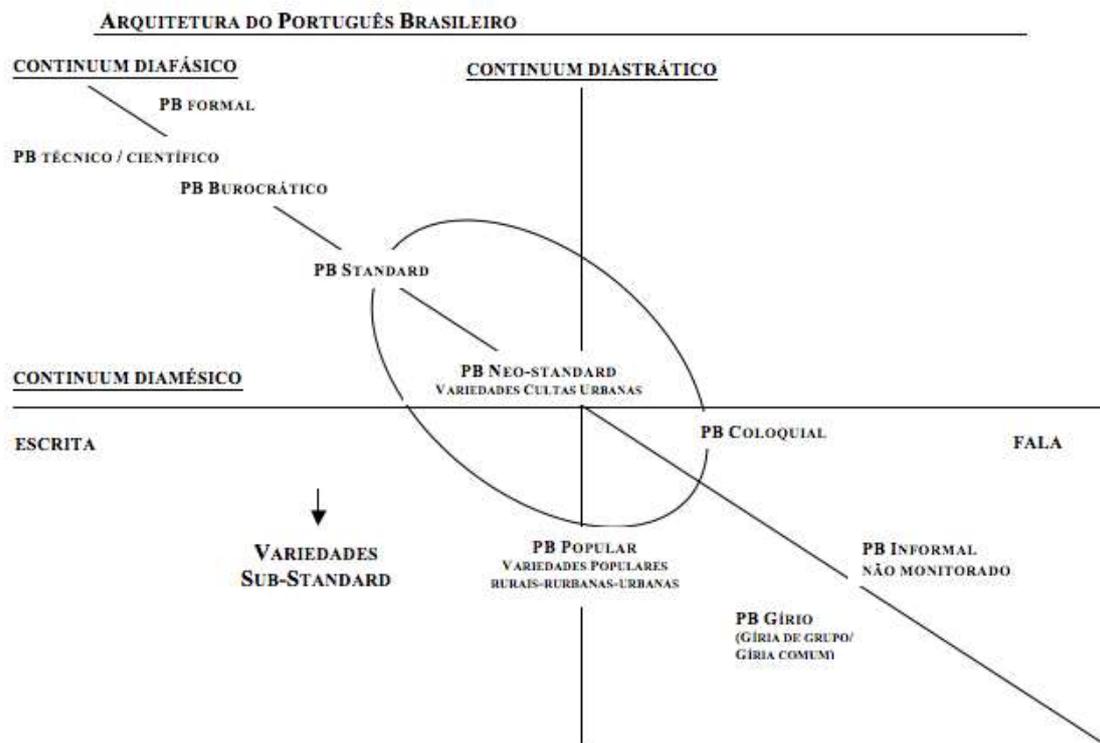


Gráfico 1

Todavia, superando essa rígida dicotomia escrita/fala e aplicando o modelo de arquitetura da língua italiana de Berruto e adaptando-o ao diassistema do PB, poder-se-á determinar que as variedades cultas urbanas brasileiras, pela maior permeabilidade e proximidade com as variedades substandard devem ser colocadas, nos eixos diafásico e diastrático, numa posição mais em baixo à da norma-padrão, enquanto, no eixo diamésico, registra-se um alargamento do seu raio de ação e um deslocamento da sua posição em direção do polo da fala, e isso se reflete claramente também na escrita literária.

De uma certa forma, o que emerge do gráfico 1 é o fato de que a norma-padrão, cujo número de usuários entre os brasileiros é muito limitado, resulta marcada do ponto de vista diamésico e diastrático, enquanto o neostandard, posto no centro do gráfico, resulta sensível à diferenciação diatópica e, portanto, corresponde fundamentalmente – no emprego concreto dos locutores – às variedades cultas urbanas. De fato, as duas definições podem ser consideradas – sob um certo ponto de vista – intercambiáveis, sendo a primeira, neostandard, uma etiqueta que sublinha mais os aspetos unitários, ligados principalmente ao plano morfossintático, que constituem a base comum dos empregos do PB entre os locutores residentes em áreas urbanas com um grau de

escolarização alto; enquanto que com a segunda definição, variedades cultas urbanas, se quer evidenciar os aspectos diferenciadores ligados à variação geográfica, perceptível no plano fonético (traços suprasegmentais como sotaque e entonação) e lexical.

A tal propósito, podemos considerar que a escrita literária contemporânea – registrando e representando diversas situações comunicativas e interacionais em que os locutores podem utilizar as diferentes gamas do repertório linguístico de que dispõem e não apenas as variedades cultas urbanas, e no processo de aproximação, através da representação escrita, da fala espontânea –, pode utilizar até traços e variedades gírias (principalmente gíria comum), portanto substandard¹², com o objetivo de tornar os diálogos literários mais atuais, verossimilhantes e reconhecíveis como reprodução da fala espontânea.

Contudo, se, pelo que concerne à fala espontânea, as variações ligadas ao contexto social, à situação comunicativa, à área geográfica e ao meio/canal de difusão têm importância e valor análogo, pelo que se refere à língua literária é preciso evidenciar a importância do parâmetro diamésico, tratando-se de uma variedade escrita que na interpretação do leitor reproduz traços da fala oral e espontânea.

Quanto ao emprego de traços não-standard em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, podemos dizer que já a partir do título encontramos uma escolha nesse sentido com o apagamento do clítico <me> do verbo pseudo-reflexivo “lembrar-se”: *Estive em Lisboa e (me) lembrei de você*¹³. O apagamento do clítico pode se realizar em verbos pseudo-reflexivos como: “esquecer-se”, “lembrar-se”, “casar-se”, “adormecer-se”, que, em caso de apagamento, podem admitir também uma construção transitiva. Essa é uma tendência marcada do ponto de vista diatópico (principalmente na região de Minas Gerais), “mas também em diafiasias mais coloquiais e em diastratias mais baixas, mas que está em expansão por toda parte e, com intensidades diversas, em todas as diafiasias

12 Por variedade substandard e traços substandard entendemos: “le varietà, o i singoli elementi linguistici, che in un modello delle varietà pluridimensionale orientato stanno al di sotto dello standard, vale a dire verso l'estremo inferiore di ogni asse di variazione” (Berruto, 1993: 85).

13 Quanto aos verbos pseudo-reflexivo podemos afirmar que “essa classificação abrange uma série de tipos de verbos que designam processo, movimento ou ação, mas, sem idéia de direção reflexa, não indicam que seja o sujeito o verdadeiro agente da ação ou movimento, indicando apenas que o sujeito é afetado pela ação que não sai do seu âmbito, como nos ergativos / inacusativos” in Regina Lúcia Bittencourt, “Apagamento de pronomes clíticos de forma reflexiva”, in T. Lobo & K. Oliveira (orgs.), *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online], Salvador, EDUFBA, 2009, p. 154.

e diastratias”¹⁴. Todavia, essa escolha estilística resulta apagada na edição portuguesa do romance de Luiz Ruffato, onde se propõe uma “tradução” (padronização) do título para o português europeu substituindo o a forma pronominal “você” com o pronome alocutivo “tu” e não apagando o clítico “me”: *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti*.¹⁵

Neste sentido, a escolha de Ruffato é daquelas que deixam uma marca. O seu processo criativo e estilístico focaliza-se principalmente no plano expressivo, assim como ocorre nas suas obras anteriores, para depois se harmonizar a nível do conteúdo. Os dois níveis encontram-se envolvidos em um mecanismo complexo de inter-relações devido ao qual eles não podem ser definidos a não ser segundo à própria interdependência. A partir disso, podemos identificar a dominante textual no plano de expressão, no qual justamente o tecido dos elementos intratextuais, intertextuais e extratextuais garantem a coesão do texto.

A sua escrita quer dar-nos a impressão de reproduzir os traços da oralidade na fala dos seus personagens, no nosso caso, de Serginho, cuja fala revela uma conotação geográfica - que o autor chama de *mineirês* (variante diatópica do PB falado no estado de Minas Gerais) -, e apresenta também uma forte marcação situacional. Mas, o interessante é que Ruffato utiliza formas de tratamento não standard do PB ao longo de quase todo o romance, porque faz a escolha de apresentar-nos a narração como relato testemunhal e, portanto, ele não pode transcender as características linguísticas do falante, características que devem refletir, dentro do possível, as formas peculiares da comunidade linguística do interior mineiro, à qual Serginho pertence.

Pelo que concerne a tradução, é notório que ela não pode transpor as diferenças diatópicas, quando ela traduz no texto-alvo as nuances culturais que cada variedade de língua transmite. Além disso, considerando que a neutralização de tais características é uma prática que normalmente se atua na maioria dos processos tradutórios – de maneira mais ou menos marcada conforme o gênero textual –, pode-se compreender facilmente que não é possível achar soluções equivalentes nas variedades geográficas da língua-alvo, porque o resultado seria uma variedade literária naturalizada que tornaria totalmente opacas a língua e a cultura fonte.

Do ponto de vista tradutório, na edição italiana tentou-se elaborar uma tradução adequada do ponto de vista sociolinguístico pelo que concerne a fala em situação,

14 Tommaso Raso & Heloisa Pereira Vale, “A erosão linguística em italianos cultos em contato prolongado com o português do Brasil: os clíticos e alguns efeitos na estrutura do enunciado”, *Revista de Italianística*, XVIII, I, 2009, p. 81.

15 Luiz Ruffato, *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti*, Quetzal, Lisboa, 2010.

utilizando as estratégias tradutórias indicadas por Berruto (2010), transferindo para o plano do eixo da dimensão diafásica os traços marcados no plano da dimensão diastrática e diatópica e manter uma oposição de variação entre o elemento marcado e o resto do texto.

[S]i può (bi) rendere un elemento marcato nella lingua di partenza per una certa dimensione di variazione con un elemento marcato nella lingua d'arrivo per un'altra dimensione di variazione, o, (bii) rendere un elemento marcato a un certo livello di analisi con un elemento marcato per un altro livello di analisi, o ancora, (biii), rendere l'elemento marcato nella forma neutra standard e tradurre in altro punto contiguo del testo un elemento non marcato nella lingua di partenza con un elemento marcato nella lingua d'arrivo; con eventuale somma o combinazione di (bi), (bii) e (biii): resa di un elemento di un certo livello di analisi marcato per una dimensione mediante un elemento di un altro livello di analisi marcato per un'altra dimensione di variazione e/o in un altro punto del testo. (Berruto, 2010: 902).

Comparando dois trechos extraídos do original e da sua edição italiana podemos tentar evidenciar como se tentou alcançar uma tradução adequada, com todos os limites que isso comporta. Todavia, é preciso sublinhar que esse processo resultou bastante complicado pelo fato que, no romance, a narração se entrelaça continuamente com os diálogos e se confunde com eles durante todo o texto, assim como o emprego de aspas, negrito e itálico revela.

Estive em Lisboa e lembrei de você

Os Carvalhos, entretanto, demoraram uns seis meses pra admitir que a Noemi tinha a *ideia fraca*, antes preferindo me acusar de querer denegrir o nome deles, de descuidar dos deveres varonis, de tratar mal ela, eu!, (...) “Ô porqueira de gente você se meteu!”, enfim, um frege que, não fosse a Noemi ser pega pelada em frente à Prefeitura, em plena tarde de sol quente, e aquilo tresandava em tragédia. Internaram ela numa *clínica de repouso* em Leopoldina, apossaram do Pierre pra criar (mudaram pra Granjaria, poupando da bisbilhotice dos vizinhos) e demandaram contra mim um processo por *maus-tratos, negligência e abandono de incapaz* — sendo *incapaz* a Noemi, e *testemunhas* os velinhos da Stela —, mais as pensões de praxe. (pp. 24-25)

Sono stato a Lisbona e ho pensato a te

I Carvalho, nel frattempo, ci misero sei mesi per ammettere che a Noemi mancava qualche rotella, prima, invece, avevano preferito accusare me di voler gettare del fango sul nome della loro famiglia, di non provvedere ai

doveri coniugali, di trattarla male, io!, (...) “Con che razza di gente ti sei andato a mettere!”, insomma, un casino che, non fosse stato per Noemi che s’era fatta beccare nuda davanti al Comune, sotto il sole torrido del pomeriggio, ci sarebbe scappata la tragedia. La internarono in una clinica a Leopoldina, si presero Pierre per allevarlo (si trasferirono a Granjaria, risparmiandosi i pettegolezzi del vicinato) e mi denunciarono per maltrattamenti, negligenza e abbandono di incapace – essendo Noemi incapace e chiamando come testimoni i vecchietti di Stela –, oltre a chiedermi, come è di norma, l’assegno di mantenimento. (pp. 23-24)

Para dar uma ideia da tentativa de tradução adequada nesse breve trecho podemos analisar a tradução da exclamativa elíptica: “Ô porqueira de gente você se meteu!”. A marcação dessa frase pode ser tranquilamente colocado no eixo da dimensão de variação sócio-situacional (eixos diastrático e diafásico) e, portanto, a primeira tentativa foi a de adequar a tradução ao eixo diafásico (a falta de uma variedade popular “panitaliana” é um sério problema tradutório e, na maioria da vezes, produz uma elevação de registro linguístico nos textos traduzidos). Como não se conseguiu uma estrutura sintática marcada equivalente, a marcação foi deslocada para o léxico, utilizando palavras que podemos colocar num repertório não standard. Isto é, não podendo manter a marcação no plano morfossintático se deslocou a marcação para o plano lexical.

Para terminar nossa reflexão, não podíamos esquecer a presença no romance de variantes lexicais portuguesas e brasileiras que na tradução não podiam não ser sacrificadas. De fato, quanto à polifonia lusofônica, a tradução teve como única possibilidade (quando não neutralizou esses traços), a de manter apenas a transcrição original dos *realia* geográficos e culturais e daqueles poucos diálogos em que comparecia o crioulo guineense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bagno, Marcos (2005). *Português ou Brasileiro?*, São Paulo: Parábola.

Berruto, Gaetano (1987). *Sociolinguistica dell’italiano contemporaneo*. Roma: La Nuova Italia Scientifica.

Berruto Gaetano (1988). “Di qualche problema sociolinguistico della traduzione”, *Annali della Facoltà di Lettere dell’Università di Cagliari* [n.ro speciale: Studi in memoria di A. Sanna], 8, 45: 345-365.

Berruto, Gaetano (1993). “Varietà diamesiche, diastratiche, diafasiche”. Em Alberto A. Sobrero (ed.), *Introduzione all’italiano contemporaneo*, 37-92.

Berruto Gaetano (1995). *Fondamenti di sociolinguistica*, Editori Laterza, Roma-Bari.

Berruto Gaetano (2006). “Varietà diamesiche, diastratiche, diafasiche”, in Sobrero A.A., a cura di, *Introduzione all’italiano contemporaneo. La variazione e gli usi*, Editori Laterza, Roma-Bari.

Berruto Gaetano (2010). “Trasporre l’intraducibile: il sociolinguista e la traduzione”, in Sertoli G., Vaglio Marengo C. e Lombardi C., a cura di, *Comparatistica e intertestualità. Studi in onore di Franco Marengo*, Tomo II, Edizioni dell’Orso, Alessandria.

Bittencourt, Regina Lúcia (2009). “Apagamento de pronomes clíticos de forma reflexiva”, in T. Lobo & K. Oliveira (orgs.), *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online], Salvador, EDUFBA, 2009.

Bombi R. (2000) “Problemi generali della traduzione di testi plurilingui: il caso del Pygmalion di George Bernard Shaw”, in Orioles V., a cura di, *Documenti letterari del plurilinguismo*, Il Calamo, Roma, pp. 145-182.

Castilho, Ataliba T. de (2010). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.

Castro, Ivo (2006). *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri.

De Rosa, Gian Luigi (2011). “Reflexos do processo de restandardização do PB no falado filmico brasileiro contemporâneo” in Silva A. S., Torres A. e Gonçalves M., eds., *Línguas Pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas / Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociocognitive Dimensions*, Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga.

De Rosa, Gian Luigi (2013). “Traduzione audiovisiva e adeguatezza sociolinguistica”, in Monica Lupetti & Valeria Tocco (a cura di), *Traduzione e autotraduzione: un percorso attraverso i generi letterari*, ETS, Pisa, 2013, pp. 279-294.

Gomes, Aldónio & Cavacas, Fernanda (2005). *Oralidade*. Lisboa: Clássica Editora.

Ilari, Rodolfo & Basso, Renato (2006). *O português da gente*. São Paulo: Editora Contexto.

Lanciani, Giulia & Tavani, Giuseppe (1993). *Grammatica Portoghese*. Milano: LED.

Leite, Yonne & Callou, Dinah (2002). *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lobo, Tânia (1994). “Variantes nacionais do português: sobre a questão da definição do português do Brasil”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12: 9-16.

Preti, Dino (2004). *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

Preti, Dino (ed.) (2005). *O Discurso Oral Culto*. São Paulo: Editorial Humanitas/USP.

Preti, Dino (ed.) (2006). *Estudos de Língua Falada*. São Paulo: Editorial Humanitas/USP.

Raso, Tommaso & Vale, Heloisa Pereira (2009). “A erosão linguística em italianos cultos em contato prolongado com o português do Brasil: os clíticos e alguns efeitos na estrutura do enunciado”, *Revista de Italianística*, XVIII, I, 2009, p. 81.

Ruffato, Luiz (2009). *Estive em Lisboa e lembrei de você*, São Paulo, Companhia das Letras.

Ruffato, Luiz (2010). *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti*, Quetzal, Lisboa.

Ruffato, Luiz (2011) *Sono stato a Lisbona e ho pensato a te*, Roma, La Nuova Frontiera.

Sobrero, Alberto A. (ed.) (1993). *Introduzione all'italiano contemporaneo*. Roma-Bari: Editori Laterza.

Tarallo, Fernando (1993). “Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX”. Em Ian Roberts e Mary A. Kato (eds.), *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp, 69-105.

